RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 29/03/2024.

CRISTIAN REICHERT

AULA ACONTECIMENTO

possibilidades da educação pelo modo de ser das artes

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES – CAMPUS SÃO PAULO

MAIQUEL CRISTIAN REICHERT

AULA ACONTECIMENTO
Possibilidades da educação pelo modo de ser das artes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arte do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de Mestre em Artes.
Área de Concentração: Arte Educação
Linha de Pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural

Orientadora: Profa. Dra. Carminda Mendes André

SÃO PAULO
2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

R351a Reichert, Maiquel Cristian, 1980-

Aula acontecimento : possibilidades da educação pelo modo ser das artes / Maiquel Cristian Reichert. - São Paulo, 2022.

197 f. : il.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Carminda Mendes André

Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Arte na educação. 3. Educação - Estudo e ensino. 4. Arte moderna. I. André, Carminda Mendes. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707.1

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de São Paulo

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MAIQUEL CRISTIAN REICHERT, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES, DO INSTITUTO DE ARTES - CÂMPUS DE SÃO PAULO.

Aos 29 dias do mês de março do ano de 2022, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MAIQUEL CRISTIAN REICHERT, intitulada **AULA COMO ACONTECIMENTO Possibilidades da educação pelo paradigma das artes**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. CARMINDA MENDES ANDRE (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Professora Voluntaria / Instituto de Artes da Unesp, Prof. Dr. SILVIO DONIZETTI DE OLIVEIRA GALLO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Filosofia e História da Educação / Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Profa. Dra. KARYNE DIAS COUTINHO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Práticas Educacionais e Currículo / Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. CARMINDA MENDES ANDRE

Dedico este trabalho aos professores que sucumbiram e perderam a si mesmos ante à destruição de suas subjetividades, lhes restando apenas a possibilidade do entorpecimento.

RECONHECIMENTOS

Chegar aqui, pensando num trabalho que finda (mas não termina), é pensar nos que aqui estiveram antes de mim, na geração anterior que construiu o terreno em que piso e na próxima geração com a qual poderei conversar por meio desses escritos. Reconhecimento, assim, é uma forma de não invisibilizar os que participaram desse processo mesmo sem saber.

Reconheço todos os meus professores que, de certa forma, vivem nesse trabalho. Meus professores da educação básica, por me possibilitarem o contato com as artes, ciências e filosofia. Meus professores do Departamento de Artes Cênicas da UFSM, os primeiros a me mostrarem a importância do artista e do teatro em nossa sociedade. Os professores do DACEFC – UNESP, por abrirem o campo de possibilidades em arte educação, de forma honesta e responsável com a cultura dos povos.

Reconheço, em especial, minha orientadora Carminda Mendes André por me mostrar caminhos possíveis na aula de arte (contemporânea), por me dar as bases para ser educador-artista-pesquisador e por ser a professora que me ensina a ser um artista docente.

Também reconheço a importância do Grupo de Pesquisas Performatividades e Pedagogias CNPq no meu percurso reflexivo, por ser atento ao nosso tempo e aos nossos desafios na arte e educação.

Luciano por me incentivar ao retorno à academia, por ser meu parceiro de tantos acontecimentos e por ser alguém que me escuta, mesmo diante da impossibilidade da fala. Também por ter realizado a revisão deste trabalho, meu muito obrigado!

Ao meu pai e minha mãe, por terem me dado as condições para ser a pessoa que sou e, mesmo sem entenderem, apoiarem minhas escolhas. Esse trabalho carrega a ética que aprendi em casa.

Aos professores da banca de qualificação Silvio Gallo e Karyne Coutinho, pela leitura sensível e generosa, me ajudando a entender o que me escapava e me trazendo o que me faltava na construção desta pesquisa.

Márcia Fusaro por facilitar meu percurso rizomático em torno da lógica deleuzeana, pelas leituras e pelas palavras de prumo.

Reconheço meus alunos, tanto das oficinas de teatro quanto da escola, por me ensinarem a ser um professor.

Reconheço a todos os profissionais da limpeza, portarias, seguranças e cozinhas, que sempre deram as condições para que eu estudasse, trabalhasse e criasse. Também aos profissionais da secretaria de Pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp, por nos auxiliar com toda a burocracia e por viabilizarem nossos encontros virtuais.

Todos que contribuíram com suas subjetividades, respondendo minha pergunta, estão aqui reconhecidos.

Por fim, além de reconhecimento a todos que de alguma forma me inspiraram, nutriram e provocaram até aqui, meu muito obrigado! Vocês vivem e fazem viver!

O segredo da individuação não é a pessoa, pois que a verdadeira individuação é aquela dos acontecimentos... se somos individuados é à maneira de acontecimentos e não à maneira de pessoas.

Gilles Deleuze

...um estudo pensado como arte

RESUMO

Por que algumas aulas se tornam um acontecimento e outras não? O que acontece que algumas aulas se abrem como um campo de possibilidades? O que é um acontecimento em arte educação? Essas perguntas nos mobilizaram a pensar numa *Aula acontecimento* e num professor como inventor de pedagogias e, para encontrarmos nossas respostas, seguimos o caminho do conceito na filosofia dos estoicos a Deleuze. Nossa base é conceitual e não propõe metodologias para criação de uma aula acontecimento, mas uma reflexão sobre essa ideia em contextos pedagógicos para olharmos a educação pelo modos de ser das artes. Buscamos as relações entre arte contemporânea e a ideia de presença, como o terreno onde coisas acontecem. Nossa pesquisa busca fazer falar a realidade e, para isso, contamos com a colaboração de diversas pessoas de diferentes locais para nos responder à pergunta: “Qual aula marcou sua vida?” A partir das respostas criamos nossos Cantos de acontecimento como relatos de sujeitos transformados pela educação, para nós o acontecimento abre um campo de possibilidade que mobiliza os sujeitos.

Palavras-chaves: acontecimento; arte educação; arte contemporânea.

RESUMEN

¿Por qué algunas clases se convierten en acontecimiento y otras no? ¿Qué pasa que algunas clases se abren como un campo de posibilidades? ¿Qué es un acontecimiento en Educación Artística? Estas preguntas nos movilizaron a pensar en una clase acontecimiento y en un maestro como inventor de pedagogías y, para encontrar nuestras respuestas, seguimos el camino del concepto en la filosofía de los estoicos a Deleuze. Nuestra base es conceptual y no propone metodologías para la creación de una clase acontecimiento, sino una reflexión sobre esta idea en contextos pedagógicos para mirar la educación a través de los modos de ser de las artes. Buscamos las relaciones entre el arte contemporáneo y la idea de presencia, como el terreno donde suceden las cosas. Nuestra investigación busca hacer hablar a la realidad y, para ello, contamos con la colaboración de varias personas de diferentes lugares para responder a la pregunta: ¿Qué clase marcó tu vida? A partir de las respuestas creamos nuestros Cantos de evento como relatos de sujetos transformados por la educación, para nosotros el evento abre un campo de posibilidad que moviliza a los sujetos.

Palabras clave: acontecimiento; educación artística; arte contemporáneo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Posts do Twitter de Kleber Mendonça 86
Figura 2: Tirinha André Dahmer 88
Figura 3: Tirinha André Dahmer 89
Figura 4: Tirinha André Dahmer 90
Figura 5: Tirinha André Dahmer 90
Figura 6: Quartzo amarelo 133
Figura 7: Ritxòkò Karajá de Hawaló 134
Figura 8: Meteorito de Santa Luzia 135
Figura 9: A casa é o corpo, Lygia Clark 152
Figura 10: "Estruturação do Self com os Objetos Relacionais" (1976), Lygia Clark. 154
Figura 11: Bate-papo na cama 155
Figura 12: O barco 156
Figura 13: SAL 156
Figura 14: #SILÊNCIO É APAGAMENTO 159
Figura 15: Performance cidadã de Ailton Krenak (destaque nosso) 160
Figura 16: Não feche minha escola (São Paulo) 166
Figura 17: Escola ocupada (Paraná) 166
Figura 18: Aula como acontecimento (São Paulo) 167
Figura 19: Lembrete para salvar o mundo 168
Figura 20: Lembrete para salvar o mundo 169
Figura 21: Lembrete para salvar o mundo 170
Figura 22: Lembrete para salvar o mundo 170
Figura 23: Lembrete para salvar o mundo 171
Figura 24: Lembrete para salvar o mundo 171
Figura 25: Lembrete para salvar o mundo 172
Figura 26: Lembrete para salvar o mundo 172
Figura 27: Lembrete para salvar o mundo 173
Figura 28: Lembrete para salvar o mundo 174

NOTA AO LEITOR

Como fazer a vida falar? Tentando estreitar as relações com o vivente trouxemos os *Cantos de acontecimento,* que por meio de relatos, são uma forma de referenciar a experiência viva das relações educacionais.

Algumas intervenções textuais são mencionadas no próprio texto, compondo os *Cantos de acontecimento*. Encare cada intervenção como uma forma de revisitar a fala viva de quem a anunciou. Desta forma, não achamos necessário fazer referência. Tome isso como um jogo.

Outras intervenções textuais compõem trechos de poemas, romances, jogos de palavras e músicas. Estes estarão referenciados em nota abaixo ou de rodapé e podem ter conexões diretas (ou não). Caro leitor, você é livre para relacioná-las (ou não) com o texto. São momentos para uma respiração sensível.

Há intervenções visuais que possibilitam ampliar a leitura ou apenas serão protestos em forma de ironia. Outras que serão um sopro poético de algo vivo. Há também vídeos do *Youtube* que compõe os textos sobre arte e educação e são parte importantes para compreendê-los. Assista-os!

Também há desvios perceptivos que são o que dizem ser.

Todas as intervenções são pontos de fuga para um campo outro de percepção, caminhe.

SUMÁRIO

ABERTURA: Virtualidade em acontecimento 13

PRIMEIRO RAMO

Cantos de acontecimento 21

1 – Desvio Perceptivo: Enunciado-ação 22

2 – O que nos acontece quando algo vibra e se torna canto? 23

3 – O acontecimento como campo de possibilidades 61

4 – Breve viagem em torno de um conceito 74

5 – Ensaio-colagem sobre o anti-acontecimento 85

SEGUNDO RAMO

Aula acontecimento 94

1 – Desvio Perceptivo: Glossário Escolar Inventado 95

2 – Aula como campo das possibilidades 99

3 – Aula como o lugar para encontrar a própria voz 114

4 – Aula como um processo holístico 119

5 – Aula como agenciamento das multiplicidades 121

6 – Aula como arte do pensamento 128

7 – Um acontecimento, Três (mobiliz)ações 132

TERCEIRO RAMO

Arte educação como acontecimento 136

1 – Desvio perceptivo: Cursos de um acontecimento-escola. 137

2 – Aula como arte: *Artistic Turn* (virada artística da educação) 138

3 – Arte acontecimento: do sentido da arte para a arte como sentido 148

4 – Arte como jogo de existir no acontecimento do tempo presente 157

5 – Aula de arte (contemporânea): espaço para performance cidadã 162

PARA NÃO CONCLUIR 185

REFERÊNCIAS 188

ANEXOS 192

ABERTURA: Virtualidade em acontecimento

Se me[1] perguntarem qual acontecimento mais marcante que tenho da escola, provavelmente não saberei responder com exatidão, pois o que emerge desse questionamento está envolto pela incerteza de se tais imagens estão corretas, do ponto de vista histórico, ou se são apenas episódios imerso numa nebulosa de sentidos. O fato é que mesmo tendo vivido tais acontecimentos, o que surge dessa memória está enredado pelas sensações e sentidos que as constituíram. Isso nos possibilita o entendimento de que o que nos acontece[2] nos mobiliza para um processo de significação (enquanto processo cognitivo e enquanto processo sensível de entendimento da realidade).

Numa perspectiva deleuziana não pensamos em memória, mas em virtualidade: o acontecimento como virtual é atualizado no presente e não no passado, é uma virtualidade atualizada no presente, uma dinâmica de sentido atuante em um processo de presentificação do que aconteceu (DELEUZE, 2015). Desta forma, torna-se ineficaz a preocupação de estar incorrendo em erro, ou imprecisão, pois o processo de atualização no presente, que ocorre com o acontecimento, é um processo de descoberta de novos campos de sentido, no aqui e agora.

A seguir, esboço um exercício de atualização virtual recorrente às minhas memórias, para tentar encontrar a arqueologia pessoal dos meus acontecimentos em campo educacional, num movimento de se atualizar em virtualidade no presente. É preciso frisar que esse esforço parte de uma necessidade de entender o que acontece quando uma aula, ou outra proposição pedagógica, nos atravessa a ponto de ser uma singularidade que nos marca, produzindo um estado de coisas que reverberará em outras camadas da existência. Importante, também, não deixar de remeter a um certo sentido de percurso/jornada como da origem da palavra *pedagógico* para os gregos – a jornada/viagem da criança. Portanto, torna-se importante a esse propósito reconhecer quais marcas carrego. Apesar de recorrer a aspectos pessoais nesse

---

[1] Em alguns momentos o texto pede a fala da *experiência* como um exercício de elaboração dos acontecimentos do EU: nesses momentos convido ao exercício da autorreflexão.

[2] Estamos sinalizando para um conceito filosófico que iremos abordar no texto, diferentemente de pensar no sentido ligeiro onde a palavra acontecimento se associa à ideia de episódio ou sucessão de episódios. O acontecimento como conceito nos abre para pensar experiências educacionais carregadas de um senso de mobilização dos sujeitos na possibilidade de (re)criar modos de existência.

exercício, a dinâmica do acontecimento não se dá na esfera pessoal, mas na esfera do comum e das relações: um agenciamento do EU – TU > NÓS; o acontecimento se dá no encontro, na mistura, na relação, no *entrecorpos*; quando pensamos em episódios marcantes, mesmo que de forma implícita, há uma nebulosa mistura dos corpos do acontecimento; se trata de uma virtualidade coletiva, do NÓS, e não uma experiência individualizada/interiorizada, mas expandida para fora do EU: buscando tocar/ser tocado, marcar/ser marcado, afetar/ser afetado, sempre será da ordem do *múltiplo* e não do *uno.*

Antes de atualizar os acontecimentos que me marcaram, precisamos abordar a ideia de atributo, uma chave estoica para entendermos o conceito acontecimento. O atributo é uma estratégia do estoicismo para não admitir a relação de causa e efeito como explicação de incorporal[3], pois se este fosse a causa do corpo, ele seria outro corpo e não incorporal. Ao corpo é vedado se relacionar com uma força de mesma natureza corpórea. O incorporal, não sendo da mesma natureza, se desloca para a superfície do ser, sendo atributo do ser, do corpo. Dessa forma, o atributo é a parte propositiva da teoria dos incorporais[4] e, por isso, são indicados por verbos de ação e não por predicados que indicam as propriedades do ser. O verbo diz que o corpo não sofre os efeitos da ação, mas passa a agir por meio deste atributo. O corpo se atualiza em devir, em possibilidade de ação. Essa é uma perspectiva que torna um acontecimento um acontecimento para nós, mobilizar a ação dos sujeitos/corpos num campo de possibilidades.

Acontecimento-arrancar*.* Buscando atualizar uma primeira marca-acontecimento de minha viagem/pedagogia, lembro de quando fui levado à creche em um dia de chuva, onde a ação principal se daria: não queria pegar na mão da professora e, devido à chuva, fui arrancado, conduzido coercitivamente para escola.

---

[3] Incorporal é uma denominação estoica para identificar aquilo que não é corpo; o que não é corpo é incorporal por estar na superfície dos corpos, um atributo destes, emerge da mistura dos corpos, portanto o incorporal é o acontecimento dos corpos, o que está entre os corpos, *entrecorpos.*

[4] “Os corpos são, portanto, para os estoicos, misturas de forças por meio das quais um corpo penetra no outro e coexiste com ele [...]. Mas aquilo que queremos dizer por “crescer”, “ser cortado”, “avermelhar”, “diminuir”, enfim, tudo aquilo que pode ser expresso pelo verbo, não são estados de coisas e nem misturas dos corpos, são os acontecimentos incorporais que ocorrem na superfície destas misturas. Mas, com relação aos enunciados “a água fica rosada”, o “ferro fica quente”, estes são atributos e não propriedades dos seres. Quer dizer, são transformações que dizem respeito aos corpos, mas são elas mesmas incorporais. Desta maneira, os incorporais são atributos que não preexistem à combinatória dos corpos, subsistem nas relações dos corpos, não são jamais causas uns em relação aos outros, por isso é uma relação que não pode ser prévia aos corpos que a realizam ” (TEMPLE, 2011, p. 80).

Esse acontecimento causado pelo verbo *arrancar* suscitou uma disrupção. Segundo Deleuze (2015), essa é a raiz de todo o acontecimento: o rompimento guarda a potência do devir-outro. Aqui, precisamos ponderar. A ideia de devir muito se confunde com a ideia de tornar-se, de acabamento, de saída e chegada. Em nosso entendimento, não se trata disso. Para nós, o devir é um ponto de partida e não de chegada, é uma linha de fuga, uma abertura[5] para o que acontece. Devir é um *entrecorpos*.

> O acontecimento é coextensivo ao devir e o devir, por sua vez, é coextensivo à linguagem; o paradoxo é, pois, essencialmente "sorite", isto é, série de proposições interrogativas procedendo segundo o devir por adições e subtrações sucessivas. Tudo se passa na fronteira entre as coisas e as proposições. (DELEUZE, 2015, p. 09)

Voltando ao acontecido, essa provocação causou em meu corpo uma marca que perduraria sobre a imagem-escola: meu corpo está momentaneamente em posse da instituição; corpo subjugado, arrancado. Essa condição, que marca o corpo institucionalizado, o coloca sob tutela de uma legislação que deseja instaurar uma rotina: controlar o tempo – tempo de comer, tempo de brincar, tempo de perguntar. Aqui assumo a intuição do acontecimento como singularidade (sem juízo de valor: bom/ruim) dentro de uma rotina (aula). Ao atualizar esse acontecimento, estou me conectando a um ponto de fuga, e o indico como um dos elementos que configuram o acontecimento: a atualização do vivido numa virtualidade presente instaura um desvio. É impossível atualizar um acontecimento no passado, ou quando aconteceu. Atualizamos o acontecimento numa virtualidade presentificada, com os sentidos que temos à mão no presente e essa é a ideia de atualizar.

Acontecimento-ver. Muitas singularidades atravessaram as aulas rotinas em aberturas de desvios e possibilidades de ação. Tais aulas deixaram marcas e modificariam minha forma de estar no mundo, também a optar pela docência em arte, foram o que entendo como acontecimento. Nunca esqueci a primeira vez que uma professora modificou a disposição das carteiras na sala, pedindo para fazermos um círculo, ou arena. Eu estava na 3ª série do antigo 1º Grau e essa lembrança ainda

---

[5] E aqui moram duas armadilhas dessa jornada: 1) Como pensar numa educação que é apenas abertura, sem ter ponto de chegada? Uma educação que funcione como ponto de fuga que se abra para o que acontece. 2) Como não psicanalisar a memória, ou o próprio acontecimento? Visto que os sentidos nos enebriam numa profusão de cores. Façamos a travessia.

paira em meu imaginário de escola. Demoramos um tempo para conseguirmos nos organizar como grupo, foi caótico! Lembro de onde estava sentado, próximo à porta. Lembro de que a professora passou uma atividade em que tínhamos que fazer um desenho com pontilhado. Mas para mim, o mais importante é que quando concluímos o círculo e criamos aquele espaço aberto, nos víamos todos com olhares radiantes pela nova configuração da sala, onde ficávamos de frente e não mais de costas uns para os outros e víamos, pela primeira vez, que a sala era muito maior assim. Até aquele dia, as carteiras não podiam mudar de lugar, sempre ficávamos com a única visão da lousa e do professor e para ver os colegas precisávamos nos virar. Esse acontecimento me fez mudar a forma de ver a sala de aula. Nesse ponto, deixo claro que o acontecimento está associado a uma mudança de olhar, uma possibilidade de criação, criar outras formas de existir no espaço cotidiano.

Acontecimento-deambular. Uma terceira marca-acontecimento de minha jornada, essa mais recente, inaugura o caminho que tenho percorrido no fazer pesquisa. Em determinada aula na faculdade, ao entrar na sala, encontramos as carteiras amontoadas no centro como uma instalação artística. Na parede, uma projeção mesclava duas imagens em perfeita simetria, uma montagem com pinturas renascentistas e um fundo de mobiliário escolar organizados em fileira, como uma sala de aula padrão. Ao lado, nos observando, estavam a professora, Carminda Mendes André, e seu orientando, Diego Alves Marques, que nos criaram o problema. Sem saber o que fazer, os alunos começaram a se colocar em volta, outros se sentaram no chão, outros se deitaram. Assim, tentamos entender o que ocorria, até percebermos que havia um enunciado sugerindo com uma linguagem poética que a aula poderia ser em outro lugar, mas, para isso, deveríamos construir o espaço-aula com as carteiras e “deslocar a sala” para outro ambiente e alguém deveria conduzir isso. Debatemos por alguns minutos tentando interpretar o enunciado, até que alguém tomou para si a responsabilidade e pediu que todos pegassem uma carteira e fossem com ele ao diretório acadêmico “montar a sala em deriva pedagógica”. Chegando ao lugar, debatemos um dos textos previamente solicitados para a aula rotina. Após a discussão, outra pessoa se colocou como condutor e “levou a sala” até o estacionamento ao lado do circo, para que todos pudessem ver a lua, que estava cheia. Lá fizemos a discussão de outro texto, até que, por fim, mais um “levasse a sala”, desta vez para o saguão do 3º andar no Instituto de Artes. Esse acontecimento gerou um deslocamento da imagem-aula para uma imagem-aula-em-deriva, ou sala-

em-deriva. Outro ponto de inflexão gerado por esse acontecimento foi a deposição da aula enquanto instituição (escolar), para instituir uma aula-como-arte.

Trouxe, até aqui, uma espécie de arqueologia pessoal que me conduziu por representações de acontecimentos no campo educacional. Não se trata de expor um trauma, embora o corpo seja conduzido por um processo de perturbação que exigirá uma acomodação (alguns acontecimentos podem ser traumáticos e mobilizarem o sujeito em devir-outros), mas o importante é como nos elaboramos ao caminhar pelo ponto de fuga. A marca que o acontecimento inflige é da esfera do simbólico e de uma criação de presença. Entender essa sutileza epistemológica é um movimento ainda em construção, um conceito de passagem e não definitivo, coletivo e menos pessoal, como quer Deleuze em *Lógica do Sentido* (2015). Procuro, então, fazer uma torção para dar a essa ideia uma possibilidade de movimentação do sujeito, abrindo um novo campo de existir que circunda entre o individual e o coletivo dos ambientes escolares.

Nesse momento preciso esclarecer por que escolho acontecimento e não experiência como caminho para elucidar essa necessidade. Experiência, no campo epistemológico, alcança uma gama maior de intersecções, principalmente com o pragmatismo de Dewey que a articula com a arte em seu livro *Arte como experiência* (2010) e apresenta também uma necessidade de integração com o sentido: a *experiência faz sentido;* mas o acontecimento, além do sentido, produz presença: atenção ao tempo presente que o dilata. Experiência precisa de um olhar analítico a certa distância, enquanto o acontecimento não precisa do distanciamento analítico para ser atualizado no presente. Por isso ele é uma mobilização por um campo de possibilidades e de formas de agir. Nesse sentido, esse é um dos problemas de pesquisa: encontrar a distinção entre experiência e acontecimento no campo do ensino de arte, e responder por que, ainda que intuitivamente, o acontecimento aparece como uma ideia que promove aberturas singulares e não apenas como uma *prática muito bem amarrada.* Assim, nos posicionamos distantes de uma ideia de experiência ligada ao resultado de uma prática em que o todo é composto por partes que se complementam na construção de um sentido final. O acontecimento não trata de resultado, mas de possibilidade de algo acontecer.

Nossa jornada se dá no campo rizomático, próprio dos acontecimentos, ocupando diversos bulbos que serviram de conectivos para que esse conceito fosse desenvolvido com maior potência no pensamento deleuziano. Nosso rizoma acontecimental será uma série de *Cantos de acontecimento* recebidos para compor

esse trabalho, partindo assim, de uma perspectiva do conceito e do próprio acontecimento como algo vivo. Nosso bulbo epistemológico é abstrato e, por vezes, intangível. Nós nos movimentamos para nos aproximarmos de algo que permanentemente nos escapa como as coisas vivas e inquietas. Olhamos para uma poética que emerge nas relações, mas que não pode ser repetido por não existir na materialidade, mas subsistir no vivencial. A dificuldade é justamente esta: como abstração e como escrita não existe se não subsistir na interpretação de quem com ele se conecta. Não estamos diante de uma análise concreta e estável, não olhamos para uma prática, não observamos uma manifestação localizável no tempo e espaço como unidade mas como multiplicidade.

Deleuze cria aberturas de sentidos que nos encaminha, e quando menos se espera, desatentamente, estamos sem tocar o chão e precisamos construir rapidamente uma extensão com os sentidos que contactamos. O paradoxo deleuziano não permite um leitor seguro e fiel às suas indicações, mas convida o leitor a participar e ocupar os espaços abertos de sentido. Temos assim diversas leituras deleuzianas, mas não de forma dualista. Deleuze supera o pensamento dicotômico e assume o paradoxo como o movimento epistemológico.

Nossa intensão é abrir um campo de possibilidades em educação que nos permita olhar para o modus de fazer arte e educação. Não pensamos em empregar um paradigma da arte na educação por entendermos que paradigmas nos encaminham para uma forma de pensar UNO: "*o*" paradigma, "*o*" modelo, "*o*" caminho. Pensamos em modus de existência ou modus de ser das artes para nos aproximarmos do MÚLTIPLO (LATOUR, 2013), que entendemos ser o campo da educação e, consequentemente, de suas práticas. Precisamos nos posicionar frente a você, leitor: somos artistas, educadores, pesquisadores e entendemos a aula como uma forma de arte e a escola como acontecimento. Nossa pesquisa não pretende se fixar em nenhum marco epistemológico, pois somos aqueles caminhantes que encontram um oásis como ponto de fuga: bebendo, respirando e se alimentando e se preparando para caminhar. Nossa jornada é assumidamente conceitual e procuramos estabelecer as relações entre aula de arte e acontecimento: bebendo, comendo e respirando com Deleuze, Larrosa, Dewey, Masschelein/Simon, Gallo, Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias CNPq/Unesp, artistas educadores na escola e fora dela. O objeto dessa pesquisa não é, portanto, a definição de uma fórmula abstrata

para solucionar problemas do ensino de arte, ou da educação, mas se debruçar sobre o que acontece no espaço relacional da aula de arte na contemporaneidade.

Assim deixamos uma pergunta: O quanto estamos abertos aos acontecimentos que podem mobilizar nossa existência?

Faz escuro, mas eu canto

Madrugada camponesa,
faz escuro ainda no chão,
mas é preciso plantar.
A noite já foi mais noite,
a manhã já vai chegar.
Não vale mais a canção
feita de medo e arremedo
para enganar solidão.
Agora vale a verdade
cantada simples e sempre,
agora vale a alegria
que se constrói dia a dia
feita de canto e de pão.
Breve há de ser (sinto no ar)
tempo de trigo maduro.
Vai ser tempo de ceifar.
Já se levantam prodígios,
chuva azul no milharal,
estala em flor o feijão,
um leite novo minando
no meu longe seringal.
Já é quase tempo de amor.
Colho um sol que arde no chão,
lavro a luz dentro da cana,
minha alma no seu pendão.
Madrugada camponesa.
Faz escuro (já nem tanto),
vale a pena trabalhar.
Faz escuro mas eu canto
porque a manhã vai chegar.

Thiago de Mello. "Madrugada camponesa",
in *Faz escuro mas eu canto* (1965)
São Paulo: Global editora, 2017.
Tema da 34ª Bienal de Arte de São Paulo: *Faz escuro mas eu canto*.

PARA NÃO CONCLUIR: *UM ESTUDO PENSADO COMO ARTE.*

Abrimos esse trabalho com uma proposição e sugerimos uma forma de *não o fechar,* dando continuidade à provocação. Desejamos que, enquanto proposição artística, ele seja uma obra aberta, porosa, atravessada pelas mais diversas subjetividades. Mas também desejamos que, como uma obra acadêmica, ele encontre seus pares, faça pensar e possibilite conclusões. Em ambos os casos, desejamos que se comunique com a próxima geração e a atual, de modo a falar os acontecimentos dos tempos do agora e do porvir.

Enquanto modo de ser arte-ciência, não escapamos de um paradoxo às vezes incomunicável, infértil e ilógico. Mas cabe a provocação: podemos pensar a educação como arte? Pois como ciência (pedagógica) já está posto. A educação como arte nos diz sobre convergências: tanto arte como educação são espaços políticos, são espaços públicos, propõem procedimentos de verdade, possuem componentes éticos e estéticos, buscam sentido e presença, representam aspectos do mundo (criando mundo) e são formas de criação/invenção.

Mas, se olharmos mais de perto, nos perguntamos: a escola pode ser pensada como arte? Acreditamos que sim, mas para isso é preciso que ela resgate seu sentido de *skholé,* como os secundaristas o fizeram brilhantemente, transformando-a num lugar aberto e público, transformando-a num lugar para debate das coisas públicas, por meio do encontro de ideias filosóficas e artísticas, encontro de diferenças e de iguais. Uma experiência parecida, narrada por Larrosa (2018), propôs uma escola como arte (em nossa leitura): as *Missões Pedagógicas da II República Espanhola* (1931), com duração de cinco anos. Tais missões caracterizaram-se por levar uma escola itinerante aos povoados e recônditos analfabetos, não uma escola tradicional, mas tudo que a cultura espanhola havia produzido de melhor, na forma de dispositivos itinerantes: Museu do Povo ou Museu Ambulante (com réplica exata das maiores obras de artistas espanhóis, como Ribera, Zurbarán, Murillo, Goya, Velázquez e El Greco), Serviço de Cinema, Biblioteca Ambulante, Coro do Povo e o Teatro do Povo. Essas Missões não trataram apenas de aculturar o povo, mas de modificar a própria ideia de escola, como um lugar onde as coisas (o conhecimento) estão sobre a mesa

e cada cidadão possa se servir do que lhe convier: “Ai está, e cada um pegue o que puder, o que quiser, o que lhe servir e nada mais” (LARROSA, 2018, p. 113)[56].

Caracterizadas por serem extremamente rigorosas com os serviços itinerantes, para que não parecessem improvisos, foram criados espaços capazes de servir ao propósito, com museu, teatro, cinema e bibliotecas de “verdade”, possibilitando ao povo tudo que os grandes centros possuíam e lhes eram privados. Preocupada com a formação, cada missão era composta por uma equipe de educadores que mediava os acontecimentos estéticos. Podemos supor que se tratou de uma Virada Artística da Educação, como inventamos ao relacionar com a Virada Pedagógica da Arte.

Mudar a ideia de escola foi uma importante prerrogativa das Missões, com foco na formação de professores capazes de criar espaços de debate nas escolas campesinas e não apenas espaço para alfabetização, foi o que Larrosa (2018, p. 113) declarou como “um povo capaz de *skholé*”. Similarmente, acreditamos que o acontecimento da Primavera Secundarista transformou a escola nesse espaço onde o povo e os estudantes foram capazes de *skholé:* muitos artistas, intelectuais, músicos, *chefs* e políticos transformaram a escola numa Missão Pedagógica Secundarista junto com os estudantes.

Dessa forma, como dissemos, a escola é um lugar para os acontecimentos que possibilitem ao sujeito fazer parte do jogo de existir. Algo acontece o tempo todo na escola, basta que possamos ver. Uma criança brinca pelos corredores no seu mínimo espaço de ida ao banheiro (geralmente, é um pretexto para o jogo) mudando o sentido da escola, uma escola viva como a grama que nunca para de crescer. Algo sempre acontece, basta que possamos ver. Como o aluno que traz ao professor um desenho que criou com dedicação, para mostrar que para ele isso é arte. Como o professor que traz aos alunos a pintura de Tarsila do Amaral, *Abaporu*, para mostrar para eles o Modernismo brasileiro. Para esses, o acontecimento é a nudez que nunca havia adentrado a sala de aula. Algo sempre pode acontecer e nos colocar diante de um novo modo de ser, aliás esse é um pressuposto comum para arte, filosofia e educação: colocar os sujeitos diante do *novo*. Elaborando, pensando, criticando e recriando outra possibilidade trazida pelo novo. A escola é um campo de possibilidades, basta que possamos ver.

---

[56] Ramon Gaya relembrando o que foram as Missões 60 anos depois.

Nossos *cantos* foram essa forma de trazer a vida que há na escola pelo olhar de quem a experimentou. Foi uma forma de encontrar os traços de *skholé* que, em nossa perspectiva, possibilitaram aos sujeitos habitarem um campo de possibilidades outras, como devir-outro que experimenta possibilidades sem nunca encontrar a forma acabada, mas inventa maneiras de jogar o jogo de existir. Dessa forma, os *Cantos de acontecimento* se caracterizam como invenção de conceitos que surgem do vivente, para podermos articular ideias pedagógicas com ideias artísticas, criando uma conversa com mediação da filosofia. Entendemos os modo de ser educacionais e artísticos como os estoicos, como corpos, que se misturam e fazem emergir o acontecimento: da mistura entre educação, filosofia e arte surgem acontecimentos.

Entendemos que propor e transitar entre perspectivas tão definidas em seus campos de saberes possa ser uma ousadia e uma ingenuidade. Tratamos de ocupar esses campos para buscar nossas respostas que, pelo abstracionismo da linguagem, foi algo arriscado. O que pretendemos com os cantos, imagens e intervenções, foi amparar no concreto as possibilidades de leitura do acontecimento, fazendo com que se abrissem novas possibilidades de se ver a arte educação.

REFERÊNCIAS

ALICE, Tânia. **Performance como revolução dos afetos**. São Paulo: Ed. Annablume, 2016.

ANDRÉ, Carminda M. **Teatro pós dramático na escola** - Inventando espaços: estudos sobre as condições do ensino do teatro em sala de aula**.** São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

BADIOU, Alain. **O ser e o evento**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1996.

BATISTA, Bruno. **O que é um acontecimento?** Entrevista com Bruno Batista, pesquisador de Joë Bousquet. Youtube. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ndOpNbQcEH4 Acesso em: 16/05/2021, 0:39:02

BOIS, Yve-Alain. **Lygia Clark (1920 - 1988): 100 anos**. Rio de Janeiro: Ed. Pinakotheke, 2021.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009.

BRÉHIER, Émile. **A teoria dos incorporais no estoicismo antigo**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2012. Disponível em: https://lelivros.love/book/baixar-livro-a-teoria-dos-incorporais-no-estoicismo-antigo-emile-brehier-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/ Acesso em: 15/03/2021.

CABALLERO, Ileana D. **Cenários liminares: teatralidades, performances e política.** Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

CARDOSO JR, Hélio. R. acontecimento e história: pensamento de Deleuze e problemas epistemológicos das ciências humanas. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 28, n. 2, p. 105–116, 2005. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/896/802 Acesso em: 22/01/2021.

CARNEIRO, Mario. **Memória do Corpo de Lygia Clark**: Documentário. Youtube. 1984. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=c3VU6KtfhSI&ab_channel=JessicaFelizardo Acesso em: 11/01/2022, 0:30:27.

CHAUI, Marilena. Marilena Chaui. In: CORDEIRO, Denilson. S.; FURTADO, Joaci. P. (ORGS). **Arte da aula**. São Paulo: Sesc Editora, 2019, p.141-154

DAHMER, André. **Impressão sua - Poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DELEUZE, Gilles. **Não somos pessoas, somos acontecimentos:** Aula de Gilles Deleuze no Centro Universitário de Vincennes em 03/06/1980. Youtube. 1980. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1CpsFZUBkO8&ab_channel=RodrigoLucheta

Acesso em: 04/01/2021, 1:13:07.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 2000a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs Vol.1: Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2000b.

DEWEY, John. **Arte como exeperiência**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010.

DIAS, Sousa. **Lógica do acontecimento**: Introdução à filosofia de Deleuze. Lisboa: Ed. Documenta, 2012.

FAVARETTO, Celso. Arte do tempo: o evento. **Sexta Feira**, São Paulo, n. 5, p. 110–117, 2000.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 169–178, 2002. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/25926/15194 Acesso em: 10/07/2021.

GUMBRECHT, Hans U. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2010.

HERNÁNDEZ, Fernando H. La investigación basada en las artes. Propuestas para repensar la investigación en educación. In: **Educatio Siglo XXI**, n.º 26, p. 85-118, 2008. Disponível em: http://revistas.um.es/educatio/article/view/46641 Acesso em: 08/03/2021.

HOFF, Mônica. **A virada educacional nas práticas artísticas e curatoriais contemporâneas e o contexto de arte brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, 2014.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática libertária**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2020.

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. **Cidade Subjetiva:** XVII Prêmio Arte na Escola Cidadã, Ensino Médio. Youtube, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s5_ePUP6CpQ Acesso em: 11/01/2022. 0:07:26.

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. **Identidades para além do corpo:** XVIII Prêmio Arte na Escola Cidadã, Ensino Médio. Youtube, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ol025Ryl8OM&t=29s Acesso em: 11/01/2022. 0:07:04.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2019.

LARROSA, Jorge. (ORG.). **Elogio da Escola**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2018.

LATOUR, Bruno. **Investigación sobre los modos de existencia**: Una antropologia de los modernos. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2013.

MÉNDEZ, Maria Del R. T. F. **O evento artístico como pedagogia.** 2015. 321 f., il. Tese (Doutorado em Artes)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015**.**Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/22007#:~:text=O%20evento%20art%C3%ADstico%20como%20pedagogia.&text=Esta%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20trata%20dos%20eventos,a%20virada%20pedag%C3%B3gica%20na%20arte.Acesso em: 04/03/2021.

MIRANDA, Wandeilson S. De. A Teoria dos incorporais e a Filosofia do acontecimento de Gilles Deleuze. **Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS)**, São Luis, v. 5, n. 2, p. 1–17, 2019. Disponível em: http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/index Acesso em: 28/01/2021.

ORWELL, George. **1984**. Jandira, SP: Ed. Principis, 2021.

ROLNIK, Suely. **Arquivo para uma obra-acontecimento**. Apresentação de Suely Rolnik ao projeto Arquivo para uma obra-acontecimento do SESC, realizada em maio de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d3F5dIguUf0 Acesso em: 14/05/2021. 0:06:24.

SANTOS, Boaventura. de S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

SIMONS, Maarten; MASSCHELEIN, Jan. A língua da escola: alienante ou emancipatória? *In:* LARROSA, Jorge. (ORG.). **Elogio da Escola**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2018a. P. 19 – 40.

SIMONS, Maarten; MASSCHELEIN, Jan. Experiências escolares: uma tentativa de encontrar uma voz pedagógica. *In:* LARROSA, Jorge. (ORG.). **Elogio da Escola**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2018b. p. 41 – 63.

TEMPLE, Giovanna. C. **Poder e resistência em Michel Foucault: uma genealogia do acontecimento**. 2011. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4792/4527.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 08/03/2021.

ZIZEK, Slavoj. **Acontecimento: Uma viagem filosófica através de um conceito**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2017.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2009. Disponível em: https://www.redehumanizasus.net/sites/default/files/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf Acesso em: 09/03/2021

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze: Uma filosofia do acontecimento**. São Paulo: Ed. 34, 2016.

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário enviado via Google formulário. Link: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSee1m5PFqMizNlanStMBElWr_8YlgcZYT5MXRsICzEtf4fqWQ/viewform

Qual aula marcou sua vida?

Olá, me chamo Cristian Reichert e sou professor de arte na escola pública, estou fazendo uma pesquisa de mestrado no Instituto de Artes da UNESP, e procuro entender o que transforma uma aula num acontecimento capaz de nos modificar, de nos transformar. Antes de pedir sua contribuição com sua narrativa, gostaria de compartilhar a minha.

Pensando sobre uma aula que me marcou, volto um pouco, ou muito, em um exercício de memória. Muitas aulas me atingiram e atravessaram de forma a jamais serem esquecidas, tais aulas marcaram experiências que modificariam minha forma de estar no mundo. Foram o que entendo como um acontecimento.

Nunca esqueci, por exemplo, a primeira vez que um professor modificou a disposição das cadeiras da sala, pedindo para fazermos um círculo, ou arena - estava na 3ª série do antigo 1º grau. Essa lembrança ainda paira pelo meu imaginário da escola, lembro que naquele dia fazia calor, lembro que nós demoramos um tempo para conseguirmos nos organizar como grupo, foi caótico! Lembro onde estava sentado, próximo à porta. Lembro que a professora passou uma atividade em que tínhamos que fazer um desenho com pontilhado. Mas para mim, o mais importante é que quando concluímos o círculo e criamos aquele espaço imenso (aos olhos de uma criança de 8 anos), nos víamos todos com olhares radiantes pela nova configuração da sala, onde ficávamos de frente e não mais de costas um para o outro. Até aquele dia, as cadeiras não podiam mudar de lugar, sempre ficávamos com a única visão do quadro e do professor, para ver os colegas precisávamos nos virar, e levar bronca! Essa experiência me fez mudar a forma de VER a sala de aula, e como hoje a vejo como professor na educação básica: um espaço de partilha.

Compartilhei com você uma experiência que tive na escola e que me modificou, como uma troca, porque acredito que através desta troca podemos nos alimentar, nos nutrir enquanto professores.

Espero que se sinta a vontade para compartilhar sua história comigo, da forma que quiser, a história que te marcou e que não precisa ser uma história "bonitinha", apenas que seja a história que esteja com você, de alguma forma, até hoje, e sirva como uma inspiração ou um modelo do que não deva ser seguido.

Abaixo, informo termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) necessário para realização da pesquisa.

*Obrigatório

1. Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) de acordo com o Artigo IV da Resolução CNS 466/2012. *

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar como voluntário(a) da pesquisa "Qual aula marcou sua vida?", realizada pelo pesquisador Maiquel Cristian Reichert do Instituto de Artes da UNESP, como parte do projeto de pesquisa de Mestrado em Artes: A INVENÇÃO DA AULA DE ARTES COMO ACONTECIMENTO ARTÍSTICO - Reflexões de um professor artista no Ensino Fundamental, orientado pela Professora Carminda Mendes André. A pesquisa tem como objetivo analisar diferentes narrativas referentes ao processo de aprendizado sob a ótica da experiência e acontecimento na escola. A coleta de dados será feita por meio de questionário disponibilizado na plataforma GoogleForms com questões sobre nossa experiência educacional como estudante. Você está sendo consultado(a) sobre a sua adesão à pesquisa, o que implica responder às questões propostas nesse questionário e autorizar o uso das respostas em estudos a serem realizados no âmbito deste projeto. Cabe esclarecer que você não será identificado no caso de haver publicações ou apresentações referentes à pesquisa e que poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Ressaltamos que o questionário não gera nenhum custo para o respondente e exige, em média, 15 minutos para ser respondido completamente. Precisamos esclarecer que a pesquisa pode conter alguns riscos de origem psicológica, intelectual e emocional, tais como: a) Possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; b) Desconforto; c) Medo; d) Vergonha; e) Estresse; f) Cansaço ao responder às perguntas. Mas para minimização dos riscos nos colocamos a disposição para
acompanhamento posterior, bem como compartilhar a pesquisa após a defesa, em primeira mão. Também traz benefícios oferecendo elevada possibilidade de gerar conhecimento para entender, prevenir ou aliviar um problema que afete o bem-estar dos sujeitos da pesquisa e de outros indivíduos. A qualquer instante, você pode fazer perguntas sobre a pesquisa, pelo e-mail cristian.reichert@unesp.br, tais questões serão respondidas pelo pesquisador. Caso se sinta desconfortável para responder a alguma das questões, você pode interromper o preenchimento ou simplesmente não responder. No caso de haver concordância de sua livre e espontânea vontade em participar, confirme a autorização que se encontra ao final deste termo. Esta pesquisa encontra-se protocolada no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista (CEP-FAAC/UNESP). Em caso de dúvidas referentes ao teor ético da pesquisa, o(a) senhor(a) poderá procurar o Comitê de Ética através do telefone (14) 3103-4825 ou e-mail sta.faac@unesp.br.

Marcar apenas uma oval.

( ) Aceito

2. Neste momento convido você a seguir esses passos: 1 - Sente-se de forma confortável; 2 - Respire profundamente e relaxe; 3 - Gostaria agora que você fizesse um exercício de memória voltando a sua

experiência como estudante: qual aula te marcou e que está com você até hoje? O que você lembra? E mais importante, o que você sentiu e ainda sente sofre esse acontecimento? *
Provocando um pouco mais... essa aula acontecimento ecoa hoje no seu fazer docente? (Se for professor)

3. Marque a alternativa que se encaixe em seu perfil. *
Marcar apenas uma oval.

- Professor do Ensino Infantil
- Professor do Ensino Fundamental
- Professor do Ensino Médio
- Professor do Ensino Superior
- Não sou professor
- Outro: _____

4. Sua área de atuação é? *
Marcar apenas uma oval.

- Ensino Regular (todas as disciplinas)
- Especialista - Artes
- Especialista - Outros
- Não atuo na educação.
- Outro: _____

5. Você gostaria de deixar alguma observação?

6. Você poderia informar seu e-mail para recebimento da dissertação quando finalizada?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXO 2 – Documento Plataforma Brasil: Folha de rosto assinada pela diretoria do Instituto de Artes

PlataForma Brasil MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa
INVENÇÃO DA AULA DE ARTES COMO ACONTECIMENTO ARTÍSTICO: Reflexões de um professor artista no Ensino Fundamental

2. Número de Participantes da Pesquisa: 30

3. Área Temática:

4. Área do Conhecimento:
Grande Área 7. Ciências Humanas, Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

5. Nome:
MIQUEL CRISTIAN REICHERT

6. CPF:	7. Endereço (Rua, n.º):		
972.071.280-53	CARLOS MEIRA PENHA DE FRANCA AP 06 SAO PAULO SAO PAULO 03605010		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 11963865321	10. Outro Telefone:	11. Email: cristian.reichert@unesp.br

Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.

Data: 21 / 07 / 2020

Assinatura

INSTITUIÇÃO PROPONENTE

12. Nome:	13. CNPJ:	14. Unidade/Órgão:
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO	46.031.918/0017-91	**Instituto de Artes**

15. Telefone:	16. Outro Telefone:
(11) 5627-7066	**(11) 3396 8633**

Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.

Responsável: **Profª. Drª. Valerie Ann Albright** CPF: **774.190.577-53**

Cargo/Função: **Diretora**

Data: **23** / **07** / **2020**

Assinatura

PATROCINADOR PRINCIPAL

Não se aplica.

ANEXO 3 – Documento Plataforma Brasil: Comprovante de envio

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - UNESP/FAAC

COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: INVENÇÃO DA AULA DE ARTES COMO ACONTECIMENTO ARTÍSTICO: Reflexões de um professor artista no Ensino Fundamental

Pesquisador: MAIQUEL CRISTIAN REICHERT

Versão: 1

CAAE: 35804720.7.0000.5663

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 082746/2020

Patrocionador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto INVENÇÃO DA AULA DE ARTES COMO ACONTECIMENTO ARTÍSTICO: Reflexões de um professor artista no Ensino Fundamental que tem como pesquisador responsável MAIQUEL CRISTIAN REICHERT, foi recebido para análise ética no CEP Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - UNESP/FAAC em 30/07/2020 às 10:00.

Endereço: Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube nº 14-01
Bairro: VARGEM LIMPA **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-4825 **E-mail:** sta.faac@unesp.br

ANEXO 4 – Documento Comitê de Ética FAAC-UNESP: Declaração de relatórios

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Bauru

DECLARAÇÃO

Ao Comitê de Ética em Pesquisa – FAAC

DECLARO, tenho ciência e me comprometo, ao final da execução do Projeto de Pesquisa sob minha responsabilidade, intitulado "**A INVENÇÃO DA AULA DE ARTES COMO ACONTECIMENTO ARTÍSTICO - Reflexões de um professor artista no Ensino Fundamental**", a entregar ao Comitê de Ética em Pesquisa ***"Relatório Parcial de Atividades"*** ou ***"Relatório Final de Atividades"*** do referido Projeto, atendendo aos termos da Resolução 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde.

Por ser verdade, firmo a presente em 28/06/2020.

Maiquel Cristian Reichert
Pesquisador(a) responsável

Bauru, 28 de 06 de 2020.